

Um Pouco da Viola e da Música Caipira no Brasil

1. A Viola Caipira no Brasil

Catequistas se moviam, pra provar o seu amor
Aos nativos que temiam o estranho invasor...
Mas, ouvindo o som mavioso¹de uma viola a soluçar,
O selvagem cauteloso espreitava, a escutar.

Espreitava, a escutar o aluno de Jesus,
Que em campo aberto, a cantar,
Plantou uma grande cruz...
Cruz que o índio, a distância,entendia curuzu,
Que ao branco parecia a palavra cururu.

A palavra cururu, que entrou na tradição
Veio então, de curuzu, numa catequização...
A história nos ensina a ideal religião
Cururu virou doutrina, na cantiga do cristão.

(Como nasceu o cururu, de Capitão Furtado e Laureano)

¹ que tem harmonia; que é agradável ao ouvido; diz-se de quem tem caráter suave, brando; que é afetuoso, compassivo.

A viola entrou no Brasil juntamente com os portugueses na época da colonização. Pelas mãos dos padres jesuítas, a viola foi usada para a catequização dos índios.

Aportados na Baía de Todos os Santos em 1549, juntamente com a comitiva do governador-geral Tomé de Sousa, os homens da Companhia de Jesus se dedicaram a educar os pagãos desnudos que dominavam aquelas terras que, enfim, começavam a interessar a Corte Portuguesa.

A segunda comitiva jesuíta chegou em 1553, em plena crise entre o bispado brasileiro e o governador-geral. Ela contava com José de Anchieta em mais seis frades, que optaram logo por partir à capitania de São Vicente onde, na planície de Piratininga fundariam um colégio.

Foi, talvez, nessa cabana de parcos² 14 pés de comprimento por dez de largura que Anchieta, um jovem um pouco mais de vinte anos, assistiu a uma dança ritual sagrado dos índios, o *caateretê*.

Aliás, Anchieta não tardou a dominar a língua tupi dos índios. Desde a chegada a Piratininga havia alimentado a ambição de compor autos e pequenas comédias na língua dos guaianazes. Ainda em Salvador já trocava algumas palavras em tupi com os índios, língua à qual verteu o catecismo e as efemérides cristãs. No colégio de São Paulo teve chance de aprofundar no estudo do tupi ao passo que ensinava gramática portuguesa aos índios. Chegou mesmo a compor uma missa solene com versos que podiam ser compreendidos pelos moradores da planície de Piratininga. Logo, adaptaria quadras da catequese ao ritmo do *caateretê*. E, quem sabe, esse foi o primeiro passo para que a dança nativa fosse, mais tarde, juntada à melodia de um instrumento que deve ter encantado – e muito- o índio: a viola.

(SOUSA, 2005, pág. 37)

A história se perde um pouco pelo meio do caminho, mas, sabe-se que a viola “tomou a forma” que tem hoje devido à miscigenação de cultura africana, indígena e portuguesa.

O século XVI foi um “período de outro” para viola em Portugal, este fato talvez justifique o entusiasmo dos jesuítas pelo instrumento.

A viola fazia parte da orquestra básica dos jesuítas acompanhada pela flauta, percussão, pandeiro e tamboril.

Ela fazia sucesso na corte, ouvia-se viola em romarias, centro dos arraiais, bailes, cancioneiros. Ela serviu à causas cristãs e às festas laicas.

² 1- em pouca quantidade; 2- de pequeno valor, não importante.

Com o passar do tempo ela tomou a forma que tem hoje e se mantém viva em muitas festas religiosas e é muito forte no nosso folclore.

A riqueza deste instrumento tão versátil está distribuído pelo país inteiro. Essa riqueza pode ser apontada através de variadas afinações, ritmos e danças onde ela está totalmente envolvida.

2. Cornélio Pires – O precursor da Música Caipira

Escritor, folclorista, jornalista. Nasceu na cidade de Tietê em 13/07/1884 e morreu em São Paulo em 17/01/1958.

Iniciou a sua carreira viajando pelas cidades do interior do estado de São Paulo e outros, como humorista caipira.

Em 1910, Cornélio Pires, apresentou no Colégio Mackenzie hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, um espetáculo que reuniu catireiros, cururueiros, e duplas de cantadores do interior. O Colégio Mackenzie foi fundado e sempre mantido pela Igreja Presbiteriana, à qual Cornélio Pires pertencia.

Ambicionando cursar a Faculdade de Farmácia, deslocou-se de Tietê para a cidade de São Paulo, a fim de prestar concurso de admissão. Não tendo obtido sucesso em seu intento, conseguiu empregar-se na redação do jornal O Comércio de São Paulo. Posteriormente trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, onde desempenhou a função de revisor. A partir de 1914, passou a trabalhar no periódico O Pirralho.

Foi autor de mais de vinte livros, nos quais procurou registrar o vocabulário, as músicas, os termos e expressões usadas pelos caipiras. No livro "Conversas ao Pé do Fogo", Cornélio Pires faz uma descrição detalhada dos diversos tipos de caipiras e, ainda no mesmo livro, ele publica o seu "Dicionário do Caipira". Na obra "Sambas e Cateretês" recolhe inúmeras letras de composições populares, muitas das quais hoje teriam caído no esquecimento se não tivessem sido registradas nesse livro. A importância de sua pesquisa começa a ser reconhecida nos meios acadêmicos no uso e nas citações que de sua obra faz Antonio Candido, professor na Universidade de São Paulo, o nosso maior estudioso da sociedade e da cultura caipira, especialmente no livro Os Parceiros do Rio Bonito.

Foi o primeiro a conseguir que a indústria fonográfica brasileira lançasse, em 1928, em discos de 78 Rpm, a música caipira. Segundo José de Souza Martins, Cornélio Pires foi o criador da música sertaneja, mediante a adaptação da música caipira ao formato fonográfico e à natureza do espetáculo circense, já que a música caipira é originalmente música litúrgica do catolicismo popular, presente nas folias do Divino, no cateretê e na catira (dança ritual indígena, durante muito tempo vedada às mulheres, catolicizada no século XVI pelos padres jesuítas), no cururu (dança indígena que os missionários transformaram na dança de Santa Cruz, ainda hoje dançada no terreiro da igreja da Aldeia de Carapicuíba, em São Paulo, por descendentes dos antigos índios aldeados, nos primeiros dias de maio, na Festa da Santa Cruz, a mais caipira das festas rurais de São Paulo).

A criação de Cornélio Pires permitiu à nascente música caipira comercial, que chegou aos discos 78rpm libertar-se da antiga música caipira original, ganhar vida própria e diversificar seu estilo. Atualmente a música caipira é chamada de música raiz para se diferenciar da música sertaneja. A música caipira dos discos 78rpm nasce, no final da década de 1920, como o último episódio de afirmação de uma identidade paulista após a abolição da escravatura, em 1888, que teve seu primeiro grande episódio na pintura, especialmente a do Ituano Almeida Júnior, expressa em obras como "Caipira picando fumo", "Amolação interrompida", dentre outras. A

ironia e a crítica social da música sertaneja originalmente proposta por Cornélio Pires, situa-se na formação do nosso pensamento conservador, que se difundiu como crítica da modernidade urbana. O melhor exemplo disso é a "Moda do bonde camarão", uma das primeiras músicas sertanejas e uma ferina ironia sobre o mundo moderno.

Após encerrar a sua carreira jornalística, Cornélio Pires organizou o "Teatro Ambulante Cornélio Pires", viajando com o mesmo de cidade em cidade, aplaudido por onde passava.

Cornélio Pires é primo dos escritores Elsie Lessa, Orígenes Lessa, Ivan Lessa, Juliana Foster e Sergio Pinheiro Lopes.

3. A Música caipira

Não se sabe ao certo a origem da palavra caipira. Amadeu Amaral, em seu estudo sobre o dialeto caipira, "traduz" o vocábulo como "habitantes da roça, rústico" (AMARAL, pág.56).

Outros termos correlatos são apontados como originadores da palavra "caipira": caapora ou curupira, ambos usados pra designar demônio ou duende do mato; caipora (infelicidade, má sorte); ou caa-pira (arrancador de mato). Uma pesquisa mais apurada vem de Cornélio Pires, o primeiro estudioso a levar a cultura caipira ao centro urbano em sua forma genuína, folclórica. Ele vai encontrar o sinônimo em tupi-guarani para o termo "aldeão", que é capiãguara. A raiz dessa palavra, *caí*, significa o gesto do macaco escondendo o rosto. Ela aparece em capipiara, "o que é do mato", e em caipã, "dentro do mato". Enfim, aparece em caapi, "trabalhar na terra" e em caapiára, "lavrador", que redundaria em "caipira". (SOUSA, 2005, pág.21).

Para Luís da Câmara Cascudo caipira é:

homem ou mulher de pouca instrução que não mora nos centros urbanos. Trabalhador rural, de beira-rio ou beira-mar, ou de sertão. É chamado também de caboclo, jeca, matuto, roceiro, tabaréu, caiçara, sertanejo, dependendo da região onde habita. (CASCUDO, 2001, pág. 97)

Pensando em música, podemos entender música caipira como: "expressão musical" do caipira.

Sant'Anna nos explica "música caipira" da seguinte forma:

A Moda Caipira, tal como viemos a conhecê-la, é empática por natureza; nasce no calor existencial do povo. Os escritores de músicas e os cantadores, iletrados geralmente e autodidatas em *Gaia Ciência*³ lhe dão forma, e a devolvem à própria identidade: *o povo*.

³ Conjunto de princípios que, na Idade Média, regiam a "arte de poetar". Os poemas medievais enfocados neste trabalho, diferentemente do que ocorre em séculos anteriores, são tecnicamente bastante evoluídos.

A Moda Caipira, amestiçada distante com os antigos cantares ibéricos, possui as características e especificidades fundamentais de um entotexto que se esparrama com generosidade por amplo território. Qualifico-a como *entotexto* porque, considerando o âmbito de sua virtualidade afetiva e estilística, constata-se que está enraizada nos lastros mais profundos e ancestrais da cultura. O poeta caipira é aquele que, personificando os anseios grupais, o tempo todo colhe informações antenadas no modo de ser da cultura, fica assuntando causos e aspirações coletivas pra entorná-los em forma de poesia. (SANT'ANNA, 2000, pág.77 a 79)

Na música caipira, podemos identificar na letra essa necessidade de expressão, seja ela de alegria, tristeza ou qualquer outro sentimento.

Comparações engraçadas de temas variados são possíveis de achar juntamente de ritmos bem genuínos da viola caipira.

4. Alguns Ritmos, Suas Formas e Curiosidades

Catira: Também denominada *Cateretê*. No Brasil esta dança remonta aos tempos coloniais. E dança só para homens, em fileira, tendo à frente dois violeiros que cantam uma moda de viola que relata história satírica ou de amor. Após a parte inicial, os dançadores colocados frente a frente, sapateiam e palmeiam ao ritmo da viola. Em seguida, os cantadores cantam a segunda parte, até o final do tema. A dança termina com o *recortado*, uma coreografia em que os dançadores, sempre sapateando trocam de lugar. (LIMA, 2001, pág.123)

Exemplos: Recortado Paulista (Vieira/ Vieirinha), Tiro a Queima Bucha (Vieira/ Vieirinha), Quatro Coisas (Vieira/ Vierinha), Casa de Chão (Caetano Erba/ Paraíso)

Sua forma: Com temas também variando entre “causos” ou situações engraçadas. Há alguns catiras que também relatam casos verídicos ou histórias folclóricas.

A viola caipira faz a introdução, entra a dança (sapateado e palmeado) e segue para a música cantada quase sempre por duas vezes fazendo terças.

Tem-se hoje uma variação do cateretê. A variação pode ser notada nas letras, na forma de execução, e nesta variação não tem a dança.

Corta-Jaca: Uma variação do Cururu.

Exemplos: Roxinha (Zé Carreiro), Pescador e Catireiro (Cacique e Pajé), Rei dos Canoeiros (Zé Carreiro)

Sua forma: Não se tem nada à respeito exatamente do ritmo.

Cururu: Dança de caráter religioso, provavelmente de origem ameríndia. Introduzida nas festas cristãs pelos missionários jesuítas. É uma das mais antigas danças rurais, conhecida em Goiás, Mato Grosso e São Paulo, de características locais, geralmente com sapateados e palmeados, ao som da viola, pandeiro, reco-reco. (LIMA, 2001, pág.173)

Exemplos: Prece de Violeiro (Fabíola Mirella/Sérgio Penna), Moda da Mula Preta (Raul Torres), Proparoesquisítono (Zé Mulato).

Sua forma: Com temas variando entre “causos” de pescador, situações engraçadas ou caráter religioso.

Geralmente acompanhada de violão, percussão e baixo, a viola caipira faz a introdução e segue para a música cantada quase sempre por duas vozes fazendo terças e às vezes há alguns momentos em que abre-se em sextas ou oitavas.

Guaranã: é um gênero musical de origem paraguaia, em andamento lento, geralmente em tom menor. Foi criada em Assunção pelo músico José Asunción Flores, em 1925.

Acredita-se que a Guarânia tenha sido introduzida no Brasil pelos próprios paraguaios, especialmente na divisa com o Mato Grosso do Sul, quando vieram para o Brasil a trabalho, durante o Ciclo da Erva Mate. Há naquele Estado traços predominantes na música folclórica, que se enquadram perfeitamente à harmonia da Guarânia.

A Guarânia foi introduzida na música popular brasileira através do trabalho de pesquisa realizado por Raul Torres, Ariovaldo Pires, Mário Zan e Nhô Pai, em sucessivas viagens ao Paraguai. Torres foi responsável por uma das guarânias de maior sucesso no Brasil, "Colcha de Retalhos", gravada por Cascatinha e Inhana. A mesma dupla fez um mega-sucesso com outra guarânia, "Índia", de José Asunción Flores e Manuel Ortiz Guerrero, em versão de José Fortuna. A partir da década de 1940 tornou-se um dos gêneros mais utilizados pelos compositores da música sertaneja como mais uma forma de fazer sucesso. Ganhou mais popularidade a partir da gravação, em 1951, do disco 78 rpm "Índia" (de José Asunción Flores e Manoel Ortiz Guerrero), que trazia como segunda música a canção também paraguaia "Meu Primeiro Amor" ("Lejanía"), ambas com versão de José Fortuna. Milionário e José Rico também fincaram o ritmo no Brasil, onde a maioria de suas canções são no ritmo de guarânias e huapango, ritmo também latino com influências indígenas. (Wikipédia)

Exemplos: Meu primeiro Amor (José Asunción Flores e Manoel Ortiz Guerrero/ Versão: José Fortuna), Colcha de Retalhos (Raul Torres), Chalana (Mário Zan / Arlindo Pinto), Estrada de Minas Gerais (Mumbuka).

Sua forma: Nesta poesia encontramos muito tema de amor e saudade tanto do amor que foi embora quanto do amor ao sertão.

Também é cantada também em terças e à duas vozes, sua introdução varia um pouco. Há músicas em que violão ou acordeom fazem a introdução, deixando a viola fazendo a harmonia ou o contraponto.

Moda de Viola: é poesia narrativa, lírica por vezes, e sempre de circunstância. Quanto ao aspecto circunstancial, ela se relaciona à poesia da literatura de cordel, ao pasquim e às décimas dos trovadores gaúchos. Em sua estrutura poética, podem ocorrer quadras ou quadrinhas, sextilhas, oitavas, décimas etc... (LIMA, 2001,pág.391)

Exemplos: Sina de Violeiro (Fabíola Mirella), Ferreirinha (Carreirinho), Campeão do Espaço (Zé Mulato).

Sua forma: Geralmente conta-se uma história, um fato, um “causo”. Há temas engraçados, de amor, de natureza e tem-se muito que fala sobre o amor à viola.

A viola faz geralmente um “recortado” e “dueta” junto com a dupla cantando em terças.

Pagode de Viola: Festa, reunião festiva e ruidosa, com comida e bebida, havendo danças ou não, comparecendo amigos, festas sempre de caráter íntimo, pagodeira. (LIMA, 2001, pág.466)

Exemplos: Pout-pourrie de Pagodes (vários), Violeiro Faixa Preta (Sérgio Penna), Rei do Pagode (Tião Carreiro).

Sua forma: Com temas variados do engraçado à um fato, o pagode de viola é sempre o ritmo mais cobijado a ser tocado pelos violeiros. Exige uma certa destreza por parte do violeiro. Geralmente inicia-se a música com introduções difíceis de ser executadas e depois segue com a letra e cantada em duetos de terça. Quando tem duas viola tocando, uma faz o cipó-preto(ritmo que só se utiliza para acompanhar o pagode de viola) a outra faz a introdução e o ritmo do pagode. O cipó-preto pode ser também executado no violão quando há ausência da viola acompanhante. Há geralmente percussão e baixo elétrico.

Recortado: Parte final da Catira ou Cateretê, quando os violeiros cantam um trecho da moda de viola e os dançadores, em fila, fazem a coreografia passando de um lado para outro, sempre sapateando e batendo palmas, ao ritmo das violas. (LIMA, 2001, pág.575)

Exemplos: idem catira

Sua forma: idem catira.

Toada: Cantiga, canção, cantilena, soada; solfa, a melodia nos versos cantar. Outra forma do romance lírico brasileiro é a toada, canção breve, em geral de estrofe e refrão, em quadras melancólicas e sentimental, o seu tema, não exclusivo, mas preferencial, é o amor, sobretudo na toada cabocla. (CASCUDO,2001, pág.684.)

Exemplos: Cuitelinho (Folclore recolhido por Paulo Vanzolini), Cadeira de Balanço (Toada), Natureza (Pirassununga).

Sua forma: Geralmente a poesia fala de saudade, amor, natureza e viola. Cantada também em terças e à duas vozes, sua introdução varia um pouco. Há músicas em que violão ou acordeom fazem a introdução, deixando a viola fazendo a harmonia ou o contraponto.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA:

-CASCUDO Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 2001.

-RIBEIRO, José Hamilton. *Música Caipira: as 270 maiores modas de todos os tempos*. São Paulo: Globo Editora, 2006.

-FLORESTAN Fernandes. *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Vozes Editora, 1979.

A Viola Caipira e a Música Caipira no Brasil – Fabíola Mirella

-KIEFER Bruno. *Música e Dança Popular*: sua influência na música erudita. Porto Alegre: Editora Movimento, 1990.

-KIEFER Bruno. *A modinha e o Lundu*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.

-PEREIRA Niomar de Souza. *Folclore*: teoria – conceito - campo de ação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.

- *Enciclopédia da música brasileira*: popular, erudita e folclórica. 3ª edição – São Paulo: Art Editora: Publifolha, 2000.

-NEPOMUCENO Rosa. *Música Caipira*: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

Site:

http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

http://pt.wikipedia.org/wiki/Corn%C3%A9lio_Pires

Violeira Fabíola Mirella

www.ranchodosmatutos.com.br

www.violeirosmatutos.com.br

Facebook: www.facebook.com/fabiolamirella.silva

Contatos: 11- 2950-0792 /9- 9193-9866 Mail: fabiolamirella@gmail.com